

O Lugar da Educação para a Sexualidade na Disciplina de Ciências e suas Relações com o Saber Científico

Santina Célia Bordini¹

Resumo

Como a educação para a sexualidade se realiza na escola? Quais conteúdos são, explícita e implicitamente, veiculados quando se trabalha com essa temática? A intenção deste artigo é procurar entender como a sexualidade tem sido tratada nas escolas do município de Curitiba que ofertam os anos finais do Ensino Fundamental, problematizando a discussão da temática na disciplina de Ciências ou na transversalidade, como recomendam os PCNs. Se a sexualidade é uma construção cultural e histórica, são feitas algumas relações de aproximação com as proposições de Michel Foucault e as teorias pós-críticas de currículo nas suas versões pós-estruturalistas. Na análise dos discursos das professoras, percebe-se que as escolas que desenvolvem projetos de educação para a sexualidade o fazem nas aulas de Ciências. Assim, essa temática acaba sendo inserida no currículo escolar, quando as professoras de Ciências trabalham os conteúdos relacionados à reprodução humana. O vínculo das discussões a respeito da sexualidade relacionada aos conteúdos de ciências da natureza sobre o corpo humano remete à ideia de Michel Foucault (1998) quando considera a utilização da linguagem científica como uma das formas de interdição do discurso pelo ritual de circunstância.

Palavras-chave: Educação para a sexualidade. Currículo de ciências. Sexualidade.

¹ Secretaria Municipal da Educação de Curitiba. sbordini@sme.curitiba.pr.gov.br

THE PLACE OF SEXUALITY EDUCATION IN SCIENCE COURSES AND THEIR RELATIONS WITH THE SCIENTIFIC KNOW

Abstract

As for sexuality education takes place in school? Which contents are explicitly and implicitly running when working with this theme? The intention of this work is to try to understand how sexuality has been treated in the schools of the city of Curitiba that offer the final years of elementary school, questioning if this theme is discussed in the discipline of science or transversality. Understanding sexuality as a cultural and historical construction, closer relations with some propositions of Michel Foucault and post-critical theories of curriculum in its poststructuralist versions are made. The analysis of the teachers discourse shows that the projects for sexuality education were done in science classes. Thus, this theme ends up being inserted into the curriculum when teachers work the science content related to human reproduction. The link of discussions about sexuality relates to the content of the natural sciences on the human body refers to the idea of Michel Foucault (1998) when considering the use of scientific language as a form of discourse by interdiction ritual of circumstances.

Keywords: Sexuality education. Science curriculum. Sexuality.

É mais um dia de aula como outro qualquer em uma 7ª série de uma escola pública de Curitiba. Aula de Ciências. 4º bimestre. Conteúdo: corpo humano. Assunto: Aparelho reprodutor masculino e feminino. Todas as alunas e alunos estão em silêncio e a professora inicia a aula dizendo:

– A aula de hoje é sobre sexualidade. Vou mostrar para vocês as funções dos sistemas reprodutores masculinos e femininos. A função dos sistemas reprodutores é a perpetuação das espécies. Em contraste com os outros sistemas que vocês estudaram até agora, que têm como função a manutenção da vida do indivíduo, como a digestão, a respiração, a circulação e a excreção, sem as quais o indivíduo não sobrevive, os sistemas reprodutores só têm uma única função no nosso corpo: a reprodução.

Agora, abram o livro de Ciências na página 187 que diz o seguinte: “A reprodução é fundamental para a espécie humana e para os seres vivos em geral. De fato, se tivéssemos, em algum momento da evolução humana, perdido a capacidade de nos reproduzir, nossa espécie já estaria extinta. Mas as relações sexuais e a reprodução humana têm muitas outras conseqüências: desde uma gravidez não desejada até o risco de adquirir doenças sexualmente transmissíveis – inclusive a Aids” (Gewandsznajder, 2002, p. 187).

Este artigo tem como objetivo problematizar alguns discursos sobre a sexualidade veiculados pelas práticas e currículos escolares buscando compreender sentidos e significados sobre a educação para a sexualidade na escola. Utilizo neste artigo a expressão *educação para a sexualidade* por considerá-la mais ampla do que se convencionou chamar educação sexual. Segundo Jane Felipe:

Como uma construção histórica e cultural, o amor, a paixão, bem como seus desdobramentos em termos de relação, merecem ser amplamente discutidos na perspectiva de uma educação para a sexualidade, e que aqui utilizo essa expressão por entender que ela pode acionar discussões mais abrangentes quando se trata de refletir sobre nossos prazeres e desejos, não se restringindo ao sexo como ato, mas proporcionando outras vias de discussão e temáticas diversas, para além do viés biologicista (2007, p. 42).

Nos últimos anos, no campo de estudos sobre a sexualidade e educação, muito tem se discutido a respeito dos objetivos, da metodologia, dos conteúdos e até da nomenclatura que devemos usar quando se trata da educação para a sexualidade com crianças e jovens na escola.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental (1997), como instrumento de orientação pedagógica e atualização, indicam uma prática escolar sobre a sexualidade, intitulada *Orientação Sexual*, como um tema transversal a ser trabalhado em todas as disciplinas, por todas as professoras e professores, diferenciando-o da conhecida *Educação Sexual* considerada tarefa a ser realizada pela família.

Segundo Nailda Bonato (1996), a escolha do nome *Orientação Sexual* para o tema transversal está ligada à “orientação educacional”, pois, historicamente, as/os profissionais da Orientação Educacional dividiram com as professoras e professores de Ciências a responsabilidade por trabalhar a educação sexual na escola.

A denominação Orientação Sexual para o tema transversal dos PCNs, porém, produziu certa confusão terminológica no mundo acadêmico. Segundo Helena Altmann (2001), a expressão “orientação sexual” é utilizada, no campo de estudo de gênero e sexualidade, nos movimentos sociais e na literatura internacional para indicar o sexo pelo qual uma pessoa sente-se atraída ou escolhe como objeto de desejo. Maria Rita de Assis César (2008) afirma que Orientação Sexual diz respeito às práticas sexuais homo, bi e heteroeróticas, uma nomenclatura que foi construída nas lutas sociais recentes.

Ao analisar os textos dos PCNs, nota-se que o tema transversal *Orientação Sexual* primeiramente considera a sexualidade como “algo inerente à vida e à saúde”, ou seja, como algo concebido ou dado pela natureza, “necessária ao ser humano, fonte de prazer” (Brasil, 1997).

Diferentemente dessa ideia proposta pelos PCNs, que tratam a sexualidade como uma espécie de dado da natureza, Michel Foucault relaciona a esse termo outros fenômenos, como o desenvolvimento de diversos campos de

conhecimento; o estabelecimento de um conjunto de normas e regras apoiadas em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas. Segundo este autor (Foucault, 2006, p. 116-117),

[...] a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo² histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

O sexo passa a ser negócio de Estado e, para que ele seja administrado, todo o corpo social, e todos os seus indivíduos são convocados a estar sempre em vigilância. Segundo Helena Altmann (2001), a importância da sexualidade como foco de disputa política deve-se ao fato de ela se encontrar na articulação entre dois eixos: o sexo faz parte das disciplinas do corpo e à regulação das populações. Dessa forma a sexualidade tornou-se a forma de ação do poder sobre a população.

Outro ponto interessante de análise relacionado à concepção de sexualidade, trazida pelo tema transversal *Orientação Sexual*, é o fato de considerar a sexualidade como um conjunto de conhecimentos necessários às/aos estudantes, principalmente às/os adolescentes, pois estes precisam saber sobre sexo para, assim, satisfazer suas curiosidades. Conforme esse documento,

a satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não satisfação gera ansiedade e tensão. A oferta, por parte da escola, de um espaço em que as crianças possam

² Através deste termo tento demarcar (...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (Foucault, 1986, p. 244).

esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões contribui para o alívio das ansiedades que muitas vezes interfere no aprendizado dos conteúdos escolares (Brasil, 1997, p. 113).

Isso demonstra que, segundo os PCNs, o trabalho com a *Orientação Sexual* na escola poderia contribuir para a eficácia do processo ensino-aprendizagem, pois considera a sexualidade relacionada ao aspecto emocional que está intimamente ligada aos desenvolvimentos intelectual e social. Assim, de acordo com o documento, uma sexualidade “mal resolvida” emocionalmente interfere diretamente no desempenho escolar. Quando as alunas e os alunos possuem curiosidades e angústias a respeito da sexualidade, o aspecto emocional fica abalado. As emoções manifestam-se na maneira de agir. Emoções negativas podem resultar em comportamentos hostis, passivos, indiferentes, presenciados no espaço escolar, ou até mesmo em dificuldades de aprendizagem.

Analisando esse aspecto sob uma perspectiva essencialista, persiste a ideia da existência de um “impulso natural” de desejo sexual na/o adolescente que deverá ser controlado ou administrado na escola em virtude de suas consequências no aprendizado, na saúde e na sua futura função reprodutiva. Muitas vezes essa compreensão de “natural” exclui o caráter de construção das identidades sociais, da multiplicidade, da provisoriidade e da contingência do humano, bem como dos aspectos históricos, sociais, culturais e políticos que envolvem a produção dos discursos em educação.

Guacira Lopes Louro (2007) sugere que comecemos, enquanto educadoras e educadores, por desconfiar de tudo o que nos é dado como natural, voltando nosso olhar para todas as práticas cotidianas em que nos envolvemos e nas quais se envolvem as alunas e os alunos, pois são “as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvo de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança” (Louro, 2007, p. 63).

Discursos como esses não estão presentes apenas na escola, mas circulam também por outras áreas do conhecimento, mídia, sociedade em geral e são reafirmados pelo discurso da ciência. E é por esse motivo que esses discursos estão tão imbricados na produção dos modos de ser e de viver a sexualidade.

A escola, por sua vez, aparece como um lugar privilegiado para a ação desse discurso de poder sobre as/os estudantes, trabalhando conteúdos que garantem o controle da sexualidade com o objetivo de produzir sujeitos saudáveis. Estes terão conhecimentos a respeito de como se prevenir das doenças relacionadas ao sexo, além de descreverem seus órgãos, seus hormônios e a fisiologia relacionada à função reprodutiva. Helena Altmann (2005) afirma que o processo de escolarização dos corpos das/os estudantes educa também sua sexualidade, por meio de pedagogias muitas vezes sutis e discretas, nem sempre explícitas ou intencionais, mas, nem por isso, menos eficientes e duradouras.

Outro aspecto analisado no presente artigo é o fato de que quando a escola desenvolve algum trabalho a respeito da educação para a sexualidade essa tarefa recai sobre as professoras da disciplina de Ciências. Levando em conta essa premissa, procurei problematizar e analisar as práticas discursivas de 9 professoras de Ciências da rede municipal de ensino de Curitiba, obtidas por meio de entrevistas, buscando em suas falas compreender sentidos e significados sobre a temática pesquisada.

O que justifica essa escolha metodológica é o fato de que no Ensino Fundamental o corpo humano é o tema central dos livros didáticos e dos conteúdos curriculares de Ciências da 7.^a série. Assim, ensinada por professoras formadas em Ciências Biológicas e baseada em livros didáticos de Ciências, a sexualidade está fortemente marcada por este campo disciplinar e sua perspectiva científicista.

Dessa perspectiva, o corpo humano é concebido como um organismo descrito com base em sua biologia, seus sistemas e órgãos, sua fisiologia, seus hormônios e sua forma de reprodução. Sobre os sistemas reprodutores femininos,

por exemplo, é ensinado que este é constituído de ovários, tubas uterinas, útero, vagina; e sobre o sistema reprodutor masculino, que ele é formado por pênis, saco escrotal, testículos, canais deferentes e líquido seminal.

Com base nas ideias de Donna Haraway (1991) é possível afirmar que o que nós, professoras de Ciências, entendemos como conhecimento científico ou ciência produz seus efeitos de verdade e encontra sua materialidade no mundo. É esse conhecimento, que é fruto da nossa formação acadêmica, que nos produz como professoras de Ciências e que encarna em nossos corpos formas de ser e ver o mundo de um modo bastante particular.

A concepção de corpo inserida no currículo da disciplina de Ciências é o resultado de um discurso científico baseado em conteúdos da Biologia, Física, Química e Genética. Para esse discurso, dito verdadeiro, o corpo humano é visto como o resultado final de um processo de evolução biológica das espécies e conseqüentemente este corpo é tomado como universal. A sexualidade é concebida como derivada da Fisiologia e resultante da ação dos hormônios sexuais, ou seja, a educação para a sexualidade, ensinada pelo viés da disciplina de Ciências, é considerada como a reunião de diferentes saberes científicos, vindos principalmente da Medicina, da Biologia e da Fisiologia.

Nas escolas municipais de Curitiba, essa realidade é reproduzida em quase todas as escolas que ofertam os anos finais do Ensino Fundamental. São as professoras de Ciências de 7.^a série, quando trabalham os conteúdos relacionados ao corpo humano e mais especificamente quando tratam da reprodução humana é que inserem a educação para a sexualidade no currículo da escola.

Esse fato é confirmado pelas Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba, publicadas em 2006 e em vigor até os dias atuais. A educação para a sexualidade não é mencionada em nenhuma circunstância neste documento e a palavra sexualidade é citada apenas no volume 3 no componente curricular Ciências Naturais quando trata dos conteúdos relacionados à reprodução humana:

- Aspectos afetivos e culturais da sexualidade e suas manifestações nas diferentes fases da vida de homens e mulheres.
- Gravidez na adolescência.
- Higiene dos órgãos genitais.
- Rituais de passagem da infância para a adolescência em diferentes culturas.
- Sexualidade: aspectos afetivos, comportamentais e culturais.
- Controle da natalidade (Curitiba, 2006, p. 36, 63).

E também quando elege os critérios de avaliação relacionados aos conteúdos anteriores, nos seguintes termos:

- Verificar se o estudante:
 - Estabelece relação entre os aspectos biológicos, afetivos e culturais para a compreensão da sexualidade e de suas manifestações, nas diferentes fases da vida humana, valorizando os vínculos entre afeto, responsabilidade, sexualidade e auto-estima.
 - Entende as funções dos órgãos que compõem os sistemas genitais, reconhecendo a necessidade de cuidados quanto à higiene e à prevenção de doenças em todas as fases da vida (Curitiba, 2006, p. 35).

Essa forma discursiva também fica evidente na fala das professoras entrevistadas nesta pesquisa. Quando são questionadas sobre qual a relação entre o que se ensina nas aulas de Ciências e a sexualidade, afirmam:

Na minha concepção, tem tudo a ver. Nós não podemos dissociar o ser humano biologicamente interativo das suas relações intrínsecas, que é a necessidade de amar, ser amado, interagir com as pessoas, construindo uma autoimagem positiva, que lhe permita potencializar a sua capacidade de ser e de sentir (Professora Paola).

Como vou trabalhar sexualidade sem dar sistema nervoso e hormonal? Pois como eu vou explicar os hormônios na adolescência e puberdade sem falar do sistema nervoso e hormonal trabalhar sexualidade precisa de pré-requisitos (Professora Márcia)

Na escola acaba sobrando para o professor de Ciências. Porque eles pensam assim: o professor estudou para isso, ele tem mais jeito pra isso, tem mais jeito pra coisa, pois estuda o corpo humano e tal... (Professora Sandra).

Com as sétimas séries eu já aproveito o assunto que é corpo humano. Por exemplo, no começo do ano quando vou falar de célula já aproveito pra falar dos gametas, do óvulo e do espermatozoide, que são células que se juntam. Aí eles perguntam onde se juntam? Aí eu não vou esperar até o final do ano pra falar. Aproveito e já falo mostro o sistema reprodutor (Professora Daniela).

Eu dou ênfase à anatomia e à fisiologia do corpo, falo da nomenclatura científica, pois não tenho dificuldade nenhuma em relação a isso. Dou os nomes certos, sempre. O científico é que prevalece (Professora Fernanda).

O discurso dessas professoras revela a ideia de que para falar de sexualidade na escola é necessário primeiro conhecer o corpo anatômica e fisiologicamente. Na escola, quem possui esse conhecimento é a professora ou o professor de Ciências, pois ela/ele detém o lugar do saber científico a respeito do corpo e, conseqüentemente, esse saber é necessário para explicar as verdades sobre o sexo. Essas falas deixam claro que as professoras de Ciências tratam como natural a vinculação das discussões de sexualidade à disciplina de Ciências, argumentando que o fato de a disciplina tratar de questões referentes ao corpo biológico configura-se como um caminho para que as/os estudantes esclareçam suas dúvidas e busquem esclarecimentos sobre o assunto.

Nesse sentido, o que importa não é a formação de quem fala, mas o lugar de onde se fala. E o lugar é o da professora de Ciências, que na escola representa a autoridade científica.

O vínculo das discussões a respeito da sexualidade relacionada aos conteúdos de ciências da natureza sobre o corpo humano remete à ideia de Michel Foucault (1998) quando considera a utilização da linguagem científica como uma das formas de interdição do discurso pelo ritual de circunstância. Ao analisar as condições de produção do discurso, este autor propõe a tese de que no contexto

das sociedades ocidentais o discurso é controlado por três procedimentos: a interdição, a separação e a vontade de verdade. A interdição ocorre sobre o que se fala e sobre quem fala. Para Foucault (1998, p. 9):

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política.

Em outras palavras, as aulas de Ciências são consideradas momentos específicos para se falar sobre o corpo humano, portanto é o lugar ideal para as discussões a respeito da sexualidade. As professoras e os professores de Ciências são autoridades, portadores do discurso científico que se reflete nas práticas de sala de aula. Todos esses procedimentos são sustentados pela instituição escolar por necessidade de legitimar o discurso da sexualidade a partir do argumento científico.

Dessa forma, a educação para a sexualidade assume o discurso que produz um corpo biológico, natural, no qual a construção de identidades e comportamentos estão relacionados apenas com as questões anatômicas e fisiológicas do organismo. Tal concepção ancora-se no corpo e na suposição de que todos os indivíduos vivem seus corpos da mesma forma, universalmente.

Fazendo um contraponto a essa ideia, à sexualidade estão articuladas outras questões de caráter social e político. Os sujeitos aprendem a sua sexualidade no interior de sua cultura e isto acontece de forma diferente para homens e mulheres. Nesta vertente, Guacira Louro (2007) afirma que

a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, que são processos culturais e plurais, que definem o natural ou não, produzem e transformam a natureza e a biologia e conseqüentemente fazem com que elas se tornem históricas (p. 11).

É então no campo da cultura e da história que se definem as identidades que constituem os sujeitos, inclusive a identidade sexual. Os corpos ganham significado pela cultura e são continuamente modificados por ela. Assim, as identidades sexuais têm caráter instável, fragmentado, histórico e plural.

Então, que outra maneira de se trabalhar com a educação sexual poderia ser realizada na escola? O que impede o desenvolvimento de uma educação para a sexualidade que seja mais interessante para as/os estudantes e professoras?

Acredito que uma resposta exata para essa questão não existe, entretanto algumas pistas se vislumbraram nessa trajetória.

Débora Britzman (2007, p. 92) faz uma revisão desse assunto e propõe a existência de três versões da educação sexual. Uma primeira versão, a que ela denominou de “educação sexual normal”, uma segunda versão chamada de “versão crítica”, e uma terceira classificada como “aquela que ainda não é tolerada”. É possível afirmar que a trajetória da educação sexual nas escolas brasileiras passou do início dos anos 60 até final dos anos 80 pela versão normal de uma educação sexual. A partir da publicação dos PCNs com o tema transversal *Orientação Sexual* chegou a uma versão crítica. Entretanto ainda não conseguiu ultrapassar o moralismo e as categorias eugenistas da normalização.

Segundo Débora Britzman (2007), tudo o que temos a fazer é imaginar. Por meio da imaginação é possível ver que a sexualidade permite desenvolver a capacidade para a curiosidade. E pela curiosidade o ser humano é capaz de aprender. Essa autora justifica essa terceira versão da educação para a sexualidade afirmando que

quando nos envolvemos em atividades que desafiam nossa imaginação, que nos propiciam questões para refletir e que nos fazem chegar mais perto da indeterminação do eros e da paixão, nós sempre temos algo mais a fazer, algo mais a pensar (Britzman, 2007, p. 89).

Penso que a sexualidade poderia ser trabalhada na escola a partir de uma ética como prática da liberdade, por meio da problematização, tal como Michel Foucault a empregou em seu pensamento. Para este autor, problematização é o “conjunto das práticas discursivas e não discursivas que faz qualquer coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e a constitui como objeto para o pensamento (seja sob a forma da reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política, etc.)” (1986).

Sugiro uma educação sexual vista pela ética como elaboração de uma forma de relação consigo mesma que permite ao indivíduo constituir-se como sujeito de uma conduta moral. Uma moral entendida por Foucault como o comportamento ético e real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que maneira, e com que margens de variação ou de transgressão, os indivíduos ou os grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm uma consciência mais ou menos clara. (Foucault, 1998).

Dessa forma, analisar a questão da educação sexual sob a ótica da ética em Foucault significa pensar no conjunto das práticas que o indivíduo estabelece consigo mesmo, a partir das quais ocorre sua subjetivação, ou seja, a partir das quais o indivíduo se constitui como sujeito moral, em função de uma adesão livre a um estilo que quer dar a sua própria existência. É a partir da liberdade na ética que se pode produzir uma nova visão sobre si mesmo. O sujeito é livre porque pensa e age: “a liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é

a forma refletida que a liberdade assume” (Foucault, 2004, p. 267). Trata-se de remeter os problemas éticos à dinâmica imanente das práticas sociais (Altmann, 2005).

Uma educação para a sexualidade trabalhada por meio da reflexão, na qual o indivíduo alcança autonomia mediante as práticas de si e mediante a união da própria transformação com as mudanças sociais e políticas. Uma autonomia a ser considerada numa esfera pública não restritiva, dependente apenas do grau de liberdade de cada um/a dos membros da comunidade e da sociedade. Espaço público, bem entendido, conquistado passo a passo pela recriação e reinvenção constantes de novas formas de sociabilidade e novos estilos de existência.

Referências

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Rev. Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001.

ALTMANN, Helena. Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação/PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0114341_05_pretextual.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais (1º e 2º ciclos do ensino fundamental). v. 4. Brasília: MEC, 1997.

BONATO, Nailda. M. da C. *Educação [sexual] e sexualidade: o velado e o aparente*. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação – UERJ, Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/Ithaca/9565/tese/indicee.html>>. Acesso em: 25 ago. 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ciências naturais*. Brasília: MEC; SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual*. Brasília: MEC; SEF, 1997.

BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 85-111.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. *Invenção da adolescência no discurso psicopedagógico*. São Paulo: Unesp, 2008.

CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. *Diretrizes curriculares para a educação municipal de Curitiba: Ensino Fundamental*. Curitiba, 2006. V. 3.

FELIPE, Jane. Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa et al. *Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: Editora da Furg, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I. A vontade de saber*. 17 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: _____. *Ética, sexualidade, política: ditos e escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GEWANDSZNAJDER, Fernando. *Ciências 7ª série. Nosso Corpo*. São Paulo: Ática, 2002.

HARAWAY, Donna. *Manifesto Cyborg*. New York: Routledge, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.